

# MACHADO DE ASSIS NO REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA

Gilda Santos  
UFRJ e RGPL

## RESUMO

A presença de Machado de Assis no Real Gabinete Português de Leitura: de leitor a colaborador. A amizade do autor com membros da diretoria da casa, sua participação nas comemorações do tricentenário de Camões, os autógrafos no acervo da casa, as sessões da ABL realizadas no espaço do Gabinete, as placas alusivas ao escritor, as manifestações de pesar por sua morte, a ausência de referências ao Gabinete em sua obra.

## PALAVRAS-CHAVE:

Machado de Assis; Real Gabinete Português de Leitura; diálogos luso-brasileiros.

## ABSTRACT

The presence of Machado de Assis in the Royal Portuguese Reading Cabinet: from reader to contributor. The author's friendship with members of the board of the house; his participation in the tercentenary celebrations of Camões; the Machado's autographs in the collection of the Cabinet; a few sessions of the ABL held within the Cabinet; the memorial tablets allusive to the writer; the manifestations of sorrow for his death; the absence of references to the Cabinet in the writer's work.

## KEYWORDS:

Machado de Assis; Real Gabinete Português de Leitura (Royal Portuguese Reading Cabinet); Luso-brazilian dialogues.

Segundo lenda corrente, as paredes neomanuelinas do Real Gabinete Português de Leitura abrigam não poucos fantasmas. Embora, até o momento, seja desconhecido o recenseamento dessas personagens fugazes e ingravidas, não é difícil acreditar que dentre elas esteja a do famoso “Bruxo do Cosme Velho”. Sigamos algumas pistas...

Quando Machado de Assis nasceu, a 21 de junho de 1839, o então Gabinete Português de Leitura (sem o “Real” que só lhe seria outorgado em 1906), já contava dois anos de existência, com bons serviços prestados aos leitores contumazes e financeiramente pouco favorecidos, muitos deles “caixeiros” do comércio, mas com pendores para as letras.

Assim, num tempo em que a cidade dispunha de escassas bibliotecas públicas, é certo que o garoto pobre do morro do Livramento travou contato com o Gabinete logo que tomou gosto pelos livros.

É praticamente impossível que o menino Machadinho tenha entrado nos sobrados da rua de São Pedro, n. 83 (rua desaparecida com o alargamento da av. Presidente Vargas) e da rua da Quitanda, n. 55, primeiros endereços que viram crescer em velocidade espantosa o acervo da casa. Mas, de certeza, o n. 2 da rua dos Beneditinos, local vizinho à zona portuária onde nasceu, recebeu inúmeras visitas suas, não só porque o Gabinete aí esteve instalado durante largos 37 anos (1850 a 1887), como também porque o generoso horário em que funcionava – de 9 da manhã às 9 da noite, conforme anúncios nos jornais e almanaques da época – era confortável ao jovem que cedo entrara no mercado de trabalho e que, já aos 16 anos, começava a ver publicados textos seus.

As biografias machadianas costumam sublinhar-lhe o autodidatismo, e o papel relevante que nele desempenhou o Gabinete. Dentre outros amigos, Mário de Alencar (1910, p.137) disso nos deu um completo testemunho:

Machado de Assis foi aluno assíduo dos escritores da língua portuguesa, mas ao tempo em que primeiro os estudou, faltando-lhe meios para comprá-los, lios de empréstimo, como assinante do Gabinete Português de Leitura. Anotava então em pequenas folhas avulsas o que ia achando interessante, em matéria de estilo e de língua, sob o ponto de vista da dicção ou gramática. Ouvi-lhe uma vez que eram muitas essas notas, mas que em grande parte as tinha já rasgado ou perdido, e igual destino haviam de ter as restantes. Salvaram-se felizmente algumas, que hoje pertencem à Academia Brasileira, doadas com outros manuscritos do escritor, pela herdeira dele.

Uma placa à direita de quem entra no salão de leitura, sob a luz da monumental claraboia, registra o fato e homenageia o genial criador de *Capitu*:

A Machado de Assis,  
grande escritor brasileiro,  
antigo leitor desta biblioteca,  
homenagem do Real Gabinete Português de Leitura  
no cinquentenário de sua morte,  
em 1958

E, já que invoco testemunhos materiais, salto algumas décadas e vou também “atar as duas pontas da vida” machadiana, recordando que uma outra placa, nesse mesmo espaço, assinala momentos de estreita colaboração entre o escritor consagrado no meio intelectual, maduro e próximo do fim, e aquele Gabinete que o auxiliou em suas primeiras incursões pelo inesgotável universo das bibliotecas. Refiro-me ao gesto generoso do Gabinete, em abrigar sessões da Academia Brasileira de Letras, presididas por Machado, antes de esta dispor de sede própria. Lê-se na placa:

Neste edifício do Real Gabinete Português de Leitura, a Academia Brasileira de Letras realizou cinco sessões solenes  
em 1 - 7 - 1900, 2 - 6 - 1901, 17 - 7 - 1903, 18 - 9 - 1903

e 9 - 9 - 1904, sendo o presidente Machado de Assis.  
Homenagem da Academia.  
Dezembro de 1958

Essas sessões solenes, segundo as respectivas atas, acolheram as investiduras acadêmicas de Domício da Gama e de Afonso Arinos; o elogio de Varnhagen, feito por Oliveira Lima e o elogio de Gonçalves Dias, feito por Olavo Bilac, na presença do presidente Campos Sales e ainda a leitura da peça *O contratador de diamantes*, de Afonso Arinos, na presença do embaixador de Portugal. Com exceção da última, que transcorreu no “salão nobre do andar superior”, foram realizadas “no grande salão da biblioteca”.

Embora burocraticamente formais, os registros relativos às sessões indiciam um apreço recíproco entre os responsáveis envolvidos. Destaco, por exemplo, a carta do presidente da ABL ao do Gabinete, datada de 20 de julho de 1903, que me parece significativa:

Exmo. Snr. Conde de Avellar,

Na qualidade de Presidente da Academia Brasileira, tenho a honra de agradecer a V. Ex. digníssimo Presidente do Gabinete Portuguez de Leitura, e aos seus honrados collegas da Directoria, o obsequio que nos fizeram pondo a nossa disposição um dos seus magnificos salões para a sessão solemne de 17 do corrente em que o Dr. Oliveira Lima leu o elogio de Varnhagen, patrono da sua cadeira na Academia, respondendo-lhe o Snr. Salvador de Mendonça.

Abrindo-nos assim as portas da “Caza de Camões”, como este lhe chamou, o Gabinete, contribuiu generosamente para o esplendor da nossa festa, como aliás já fizera em outras solemnidades, augmentando cada vez mais o nosso reconhecimento.

Renovo a V. Ex., em nome da Academia Brasileira, e no meu, as seguranças da nossa alta estima e consideração.

(assignado) Machado de Assis

Da parte do Gabinete, leia-se este trecho relatorial:

A Academia Brasileira de Letras, que nos deu por muito tempo a honra de se utilizar desta casa para as suas festas, em quanto o Governo lhe não deu installação condigna, veio despedir-se de nós com a memorável reunião em que o Exmo. Snr. Dr. Affonso Arinos fez a leitura do seu primoroso drama – *O Contratador de Diamantes*.

Vários são os registros de correspondência e nessa “troca de galhardetes”, vale assinalar ainda a proposta de Rodrigo Otávio (transcrita na ata do dia 11 de abril de 1901), e aprovada por unanimidade, no sentido de os acadêmicos ofertarem ao Gabinete, em agradecimento, as suas próprias obras.

Como atestam tais documentos, é duradouro e profícuo o diálogo entre Machado e o Gabinete. Diálogo favorecido pelas amizades que o escritor ainda jovem angariou entre os

frequentadores letrados e os dirigentes da casa, na maioria portugueses. Nessa perspectiva – a de o Gabinete se ter convertido em espaço privilegiado de sociabilidade intelectual –, vale lembrar palavras de Wilson Martins (1978, v. II, p. 529-530.) que evocam uma pequena e informal “academia” luso-brasileira, da qual teria participado nosso autor:

[...] noticie-se o aparecimento em Lisboa da Revista Contemporânea de Portugal e Brasil que, durando até 1865, reconhecia implicitamente a existência, se não de uma literatura, pelo menos de um público literário ultramarino. Isso explica, [...] a enorme afluência de escritores portugueses, desconhecidos ou não, que se instalaram no Rio de Janeiro a fim de fazer a vida literária e jornalística, para nada dizer da “classe caixeiral”, cuja atividade nos meios artísticos já mencionamos, e que se pode afirmar composta quase exclusivamente de lusitanos. Foi nesse meio que Machado de Assis encontrou os seus primeiros amigos e camaradas de letras, como [...] Ernesto Cibrão [futuro membro da Diretoria do Gabinete], e [...] Faustino Xavier de Novais, que seria seu cunhado.

À volta de 1880, serão avivados os laços de amizade que o unem aos diretores da casa. Nesse ano celebra-se pela primeira vez o “Dia de Camões”, exatamente no tricentenário de sua morte, e há festejos camonianos por todos os cantos aonde os portugueses chegaram. No Rio, o Gabinete Português de Leitura capitaneia as comemorações e incumbe-se de diferentes iniciativas. Uma é o lançamento, no próprio dia 10 de junho, da pedra fundamental do atual edifício-sede, numa cerimônia que contou com a participação do Imperador Pedro II, ministros do Império e várias autoridades. Patrocinou ainda uma edição especial de *Os Lusíadas* e a cunhagem de medalha alusiva à celebração, além de colaborar numa esfuziante regata marítima na enseada de Botafogo, descrita com adjetivos de entusiasmo pelos cronistas da época. Contudo, a mais notável de todas as solenidades em honra do poeta terá sido o espetáculo lírico promovido no teatro Pedro II, também na noite de 10 de junho, para o qual foram convidadas personalidades gradas do governo, do corpo diplomático, do comércio, das letras e das artes, e à qual compareceram o Imperador e a Imperatriz Teresa Cristina.

Em honra de Camões, a lustrosa plateia ouviu Joaquim Nabuco proferir célebre discurso, ouviu peças musicais compostas por Carlos Gomes, Artur Napoleão e Leopoldo Miguez e ainda a leitura de muitos poemas dedicados ao épico, inclusive um soneto de Machado de Assis, distribuído impresso à plateia. Mas o ponto-alto da festividade deve ter sido a representação da peça machadiana *Tu só, tu, puro amor*, expressamente encomendada pelo Gabinete e encenada pela companhia do ator português Furtado Coelho, que representou, ele mesmo, o papel de Luís de Camões.

Dos vários depoimentos que nos chegaram, destaco o do próprio Imperador, transcrito por R. Magalhães Júnior (1981, p. 2.) que, nessa mesma data, descreve o que presenciou em curtas e esquemáticas notas à sua estimada e diletta Condessa do Barral:

Às 8 horas da noite no teatro de Pedro II, que estava decorado geralmente com bastante bom gosto e apinhado de gente escolhida – citações apropriadas dos *Lusíadas* ornavam os camarotes – discurso que muito me agradou, sobretudo para o fim, do Deputado Nabuco, poesias, uma das quais original do Dr. Rosendo Moniz e recitada perfeitamente por ele de braço ao peito por o ter fraturado há dias – pequeno drama de Machado de Assis inspirado todo pelos versos de Camões e escrito com muito talento – enfim três hinos compostos por Carlos Gomes, Artur Napoleão e fulano Miguez em honra de Camões tocados por mais de 600 músicos que formavam bellissimo espetáculo pelo palco acima.

Esse especialíssimo 10 de junho propiciou ao acervo do Real Gabinete alguns autógrafos de Machado, atrelados à data. Primeiramente, integrada à *Colecção de Offícios, mensagens e telegrammas endereçados ao Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro por motivo do Terceiro Centenário de Camões – 1880-1881* uma carta escrita por calígrafo, mas assinada pelo mestre, que está datada de 2 de agosto de 1880, e endereçada ao então presidente Eduardo de Lemos, diz o seguinte:

Tenho a honra de acusar recebido o officio de V. Ex. de 30 do mês findo, acompanhando a medalha com que o Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro comemorou o Terceiro Centenário de Camões e o assentamento da pedra fundamental do novo edificio do mesmo Gabinete.

Agradecendo esta fineza da illustre Associação de que é V. Exa. mui digno Presidente, cabe-me ponderar que a minha escassa cooperação nas festas do immortal poeta, se dívida pudesse ser do Gabinete, foi sobejamente paga com a honrosa eleição que lhe mereci.

Reitero a V. Ex. as seguranças do meu mais elevado apreço e distinta consideração.

Deus Guarde a V. Ex.  
J. M. Machado de Assis.

No ano seguinte, a Diretoria do Gabinete registra, na ata de 14 de maio de 1881, a recepção, vinda da parte de Machado, da comédia *Tu só, tu, puro amor* e do romance *Memórias póstumas de Braz Cubas*. Da peça, em tiragem de 100 exemplares, mandada publicar pelo autor, ressalte-se que o exemplar oferecido é o de n. 3, com dedicatória autógrafa ao Gabinete.

Ainda em 1881, segundo a ata de 11 de junho, a diretoria, com aprovação unânime, propõe o escritor como Sócio Honorário “em sinal de reconhecimento e maior consideração por ter escrito e dedicado às festas do centenário de Camões, promovida pelo Gabinete, a sua bellissima peça *Tu só, tu, puro amor*, representada no festival artístico em 10 de junho de 1880, e também por seus grandes merecimentos literários e dedicação a esta sociedade”. (A ata de 26 de julho registra o agradecimento do agraciado.)

No “Livro de Ouro” oferecido por admiradores ao mesmo presidente Eduardo Lemos em 1884, Machado comparece duas vezes: em página coletiva, integrando a diretoria do “Centro artístico e social, Club Beethoven”, assinando-se como “bibliotecário”, e em página individual, onde, de próprio punho, enaltece as virtudes do homenageado. Eis o que aí se lê:

Uma página é pouco talvez, para dizer tudo o que ele merece; uma linha só é demais. Ou se há-de dizer tudo, ou apertar singelamente a mão a um homem singelo, filho do trabalho, não do trabalho que vai com o dia, mas do que é semente do futuro. Letras, indústria, artes, tudo ama e aprecia, a todos serve com o entusiasmo dos poucos, e a constância dos raros. E tudo isto lhano, modesto, inteligente e natural.

Machado de Assis

Mas “a joia da coroa” da coleção machadiana do Real Gabinete é, sem qualquer dúvida, o manuscrito autógrafo da peça *Tu, só tu, puro amor*. Ocorre que na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro também existe outro manuscrito autógrafo da mesma peça... A duplicidade encontra-se explicitada por nossos arquivos:

Entre as novas riquezas adquiridas pela nossa bibliotheca, merece especial menção o manuscrito original da mimosa composição dramática ‘Tu só, tu, puro amor...’ do insigne poeta brasileiro Machado de Assis, o mestre, como apropriadamente lhe chama a hodierna geração litteraria. Esta jóia da língua portugueza, que se adorna por titulo com um formoso hemistichio de Camões, foi escripta expressamente para as festas do Centenario de grande épico, realizadas pelo Gabinete Portuguez de Leitura, com aquella grandeza e lustre, ainda hoje lembrados e que a mão do tempo não apagará jamais da memoria de quem as viu, nem das paginas da historia. Uma cópia autographa que esteve na exposição camoneana da Bibliotheca Nacional, alli se guarda, limpa de borrões, de rasuras e de entrelinhas; mas a original está comnosco, ciumentamente guardado, com a formosura e a opulência inestimável das suas entrelinhas, das suas rasuras e dos seus borrões.

Eis aqui a carta que acompanhou a preciosa dádiva:

Rio, 29 de Abril de 1895.

‘Meu caro Ernesto Cybrão. – Possuía dois manuscritos da minha peça dramática *Tu só, tu, puro amor*... Um, como sabe, foi para a Bibliotheca Nacional, onde se fez a exposição camoneana; o outro ficou commigo, e foi bastante V. sabel-o para desejal-o, e desejal-o para obtel-o, pois é difficil negar-lhe nada do que intente possuir para augmentar a collecção do Gabinete Portuguez de Leitura, em boa hora confiado aos seus esclarecidos esforços. Não me atreveria a offerecer-lh’o, mas também não me atrevo a negar-lh’o. Ahi vai elle para o repositorio dos documentos que o Gabinete guarda, por menos que possa lembrar o esplendor das festas que aqui se celebraram em honra do grande épico.

“Adeus. Creia sempre no velho amigo Machado de Assis.”

O presidente do Gabinete agradeceu pessoalmente ao mestre.

Depois deste documento, os demais registros que aproximam Machado e o RGPL são tristes:

O Gabinete fez-se representar na missa de sétimo dia celebrada pela alma da Esposa do distintíssimo literato e presidente da Academia Brasileira de Letras, o Exmo. Snr. Machado de Assis, que agradeceu delicadamente o cumprimento desse nosso dever. (Ata de 26 de outubro de 1904.)

O Snr. Presidente declara que tendo falecido em 29 de setembro p.p. o distinto

escritor Joaquim Maria Machado de Assis, nosso consócio honorário, que fez à nossa Associação dádivas de muito valor literário, a Diretoria reunida em sessão extraordinária resolveu, em sinal de muito pesar por tamanha perda, mandar amarrar o seu pavilhão em funeral até a celebração das exéquias que se realizaram por honra do mesmo finado, resolução esta que foi publicada em todos os jornais do dia 2 do corrente desta capital. (Ata de 9 de outubro de 1908.)

Partindo Machado, permanece a sua obra. E nesta, ao contrário do que se esperaria, não há menções ao Gabinete, salvo num paratexto, na “Advertência” que precede a peça teatral impressa, e num fragmento de uma única crônica, datada de 15 de abril de 1877 (Assis, 1973, p. 366):

Depois do chumbo e das letras, o sucesso maior da quinzena foi a descoberta que um sujeito fez de que o método Hudson é um método conhecido nos Açores.

Será?

Conhecendo apenas um deles, não posso decidir. Mas o autor brasileiro, intimado a largar o método, veio à imprensa declarar que lhe não pegou, que nem mesmo o conhece de vista. Foi ao Gabinete Português de Leitura, a ver se alguém lhe dava novas do método, e nada.

De maneira que o Sr. Hudson teve esse filho, criou-o, e pô-lo no colégio, e um filho contra o qual reclama agora outro pai. E por desgraça não pode ele provar que não há pai anterior e que só ele o é.

E se forem ambos? Se o engenho de um e outro se houverem encontrado? Talvez seja essa a explicação.

Em todo o caso, se eu alguma vez inventar qualquer método, não o publico, sem viajar o globo terráqueo, de escola em escola, de livreiro em livreiro, a ver se descubro algum método igual ao meu. Não excetuarei a China, onde havia imprensa antes de Gutenberg: irei de polo a polo.

Convenhamos... Nessa história do método de “ensino das primeiras letras” do sr. Hudson, o Gabinete entra aí como Pilatos no Credo...

E nos romances e contos, e mesmo outras crônicas, onde, como se sabe, a cidade do Rio está tão presente, nenhuma personagem passa pela rua da Lampadosa, nenhuma lança um olhar, ainda que “oblíquo”, sobre o portal neomanuelino, nenhuma sobe os poucos degraus à procura de qualquer livro...

Diante deste silêncio quase ingrato, não é difícil acreditar que o fantasma de Machado perambule pelos salões, escadas e estantes do RGPL... Como alma penada, a penitenciar-se por não ter permitido que um pouco da imortalidade que conquistou com sua obra envolvesse, ainda que ligeiramente, o Gabinete... Aceita a condição de fantasma, também não é difícil suspeitar do lugar onde prefere esconder sua imaterialidade: o pai genial de Braz Cubas – aquele que se diz não “um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço” – de certeza adorará ocultar-se num local propício à ficção e ao *nonsense*: no *trompe l’oeil* de uma porta que não é porta, aplicada a uma parede que não é só parede... essa que está no salão superior, à direita de quem preside sessões na mesa solene...

## REFERÊNCIAS:

### Fontes:

Documentos relativos ao Real Gabinete Português de Leitura (atas e relatórios da diretoria, no acervo da casa).

Manuscritos autógrafos de Machado de Assis (no acervo do Real Gabinete, acessível em [www.realgabinete.com.br](http://www.realgabinete.com.br)).

### Bibliografia:

ALENCAR, Mário de. Notas de Leitura de Machado de Assis. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, vol. 1, Rio de Janeiro, 1910.

ASSIS, Machado de. História de 15 dias – 1877. In: \_\_\_\_\_. *Obra Completa*. v. 3. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1973.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

MARTINS, A. A. de B. *Esboço histórico do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comércio, 1901.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira: 1794-1855*. v. 2. São Paulo: Cultrix: EDUSP, 1978.

SANDMANN, Marcelo Corrêa. As comemorações do tricentenário de Camões no Brasil. *Revista Letras*, n. 59, Curitiba: Ed. UFPR, jan./jun. 2003, p. 197-205.

SANDMANN, Marcelo Corrêa. *Aquém-além-mar: presenças portuguesas em Machado de Assis*. Campinas: Unicamp, 2004 (Tese de Doutorado). Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000321444>. Acesso em: 15 ago. 2011.

RELATORIO da Directoria do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro: 1895-1898. Rio de Janeiro: Typ. do “Jornal do Commercio” de Rodrigues & C., 1899. p. 17-18.

## MINICURRÍCULO:

Gilda Santos é vice-presidente do Real Gabinete Português de Leitura (Centro de Estudos); coordenadora-geral do PPRLB – Polo de Pesquisa sobre Relações Luso-brasileiras, do Real Gabinete; professora de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras/UFRJ (aposentada); supervisora do *site* Ler Jorge de Sena – [www.lettras.ufrj.br/lerjorgedesena](http://www.lettras.ufrj.br/lerjorgedesena).